

PROFESSOR, SUJEITO HISTÓRICO DE SUA FORMAÇÃO NUMA PERSPECTIVA DIALÓGICA E INTERATIVA

CAMPOS, MARINEIDE FURTADO

UFRN – CCHLA – PpgEL
Mafurca2003@yahoo.com.br

RESUMO: **INTRODUÇÃO:** As novas concepções de educação têm levado as instituições de ensino a rever os modelos de formação docente para a construção de uma didática voltada a atender as necessidades básicas dos alunos, para que eles assimilem, segundo José Carlos Libâneo (1994:191), os conteúdos escolares e adquiram métodos de estudo ativo e independente. Muito se tem discutido sobre essa temática, mas, na verdade, nenhum pesquisador brasileiro sintetizou em uma única obra, o resultado de tantas preocupações; o que seria inédito na área de educação. **OBJETIVOS:** Pretende-se mostrar que a formação profissional no âmbito escolar está cada vez mais visível, a qual não deve estar fundamentada somente na aquisição de habilidades e competências, mas num fazer-didático que possa modificar situações de não-aprendizagem em sala de aula. **METODOLOGIA:** Mas, para enfrentar tais mudanças, seria preciso romper com o que há de mais tradicional no âmbito escolar, que é a didática tradicional, e assim construir um conhecimento a partir do desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas, para, posteriormente, construir uma unidade entre ensino e pesquisa. **RESULTADOS:** Essa nova estratégia de construção e organização didática abre ao professor um caminho novo para que a tarefa de ensinar a aprender seja modificada, a qual não se encontra mais marcada pela repetição de temas, mas pela multiplicidade de idéias que se constrói em sala de aula, a partir do saber do aluno em cooperação com o saber-fazer do professor, contribuindo assim para uma aprendizagem cada vez mais significativa. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** E, assumir essa proposta de formação, tendo como eixo a reflexão, significa assumir a constituição de uma nova prática através da própria experiência de vida, levando o professor a refletir para quem e como ensinar, os objetivos e conseqüências dos métodos de ensino por ele utilizados, para tomar decisões, mudar a sua prática e a própria realidade, se inserindo num projeto histórico, que pressupõe um trabalho docente mais voltado para a produção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVES: PROFESSOR – FORMAÇÃO – DIDÁTICA - INTERAÇÃO

A didática não poderia deixar de surgir como uma disciplina preocupada em ressignificar o ensino, modelando o papel do professor como transmissor de conhecimentos contextualizados para superar dificuldades vigentes no processo escolar. Segundo Nilda Alves (1992:87-89) “*a má formação profissional de professores representa um dos muitos problemas apontados no debate sobre a escola no Brasil*”... E esse é hoje um dos temas que vem abrindo caminhos a novas perspectivas de pesquisa em educação.

Na verdade, a cada ano surgem novas propostas de melhoria de ensino, porém, a teoria, na prática, vai se perdendo e acabamos vivendo constantes experiências em sala de aula, sem avaliarmos os resultados de sua aplicação e transformações, pois, entre o que se estuda e o que se consegue transformar, *há uma diferença muito*

grande. Por isso, é preciso haver uma interferência nos rumos das transformações educacionais, nos seus agentes e nas próprias instituições, que, uma vez se dizendo *democráticas* não se deixam transformar.

Atualmente, as exigências de formação profissional no âmbito escolar estão cada vez mais visíveis, a qual não deve estar fundamentada somente na aquisição de habilidades e competências, mas num fazer-didático que possa modificar situações de não-aprendizagem em sala de aula.

As mudanças ocorridas a partir da publicação dos PCNs (Parâmetros curriculares Nacionais) e da LDBN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) levaram os profissionais de educação a repensarem, a sua prática e assim desenvolverem um trabalho relacionando as formas interativas de comunicação para o trabalho e pra a vida, com planos de aulas mais flexíveis, nos quais os alunos fossem objetos do seu fazer-pedagógico.

Mas, para enfrentar tais mudanças, seria preciso romper com o que há de mais tradicional no âmbito escolar, que é a didática tradicional, e assim construir um conhecimento a partir do desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas, para, posteriormente, construir uma unidade entre ensino e pesquisa.

Essa nova estratégia de construção e organização didática abre ao professor um caminho novo para que a tarefa de ensinar a aprender seja modificada, a qual não se encontra mais marcada pela repetição de temas, mas pela linearidade de idéias que se constrói em sala de aula, por uma interação dialógica, em que todos são sujeitos da enunciação, porque o caráter interativo nada mais é do que a possibilidade de transformação, seja pelo enunciador, seja pelo enunciatário, passando a refletir e refratar a realidade dada. É a idéia da palavra em movimento, o poder da palavra e, é através dela, que os sujeitos são postos em ação para reproduzir ou mudar o social.

J. Gimeno Sacristán faz referência a uma didática que busca a construção de uma nova realidade. Ela deve ser resignificada quando o professor rompe com uma prática individualista e passa a construir conhecimento em cooperação com o outro, que carrega em si habilidades e competências ainda não conhecidas, mas que precisam ser integradas ao fazer-pedagógico do professor, de forma a produzir

resultados na aprendizagem, construindo significados sobre os conteúdos, que necessitam, por sua vez, de ações, para serem modificados numa relação dialógica.

Aqui, a concepção bakhtiniana de diálogo ultrapassa a noção de conversa, pois: o diálogo não é entendido meramente no sentido óbvio de conversação entre duas pessoas. /.../ O diálogo é concebido de maneira mais compreensiva como o extensivo conjunto de condições que são imediatamente moldadas em qualquer troca real entre duas pessoas ou mais, é por isso que Bakhtin acredita ser o diálogo uma interação entre indivíduos que se influenciam mutuamente através da linguagem e ele parte do pressuposto de que é na minha relação com o outro que eu me constituo enquanto ser histórico e social.

Para Bakhtin pensar em relação dialógica é remeter ao princípio da não autonomia do discurso. As palavras de um falante estão sempre e inevitavelmente atravessadas pelas palavras do outro: o discurso elaborado pelo falante se constitui também do discurso do outro que o atravessa, condicionando o discurso do eu. Em linguagem bakhtiniana, a noção do eu nunca é individual, mas social.

Assim, o *saber-fazer* do professor para *fazer*, precisa ser repensado para que a qualidade do ensino seja garantida, estimulando uma aprendizagem de forma ativa, sempre contribuindo para a formação do sujeito, que deve estar integrado aos processos de cooperação e comunicação, com o intuito de gerar uma consciência crítico-reflexiva dentro e fora da escola.

É preciso que o professor, na sua formação, assimile o seu papel social, ultrapassando os muros da escola, das ações de ensino e crie uma relação de troca com outros profissionais, que também estão querendo unir a sua necessidade de aprender ao desejo de ensinar, para formar uma comunidade de estudos na construção de novos saberes.

A questão da parceria com o outro é bastante importante para a superação das dificuldades de aplicação didática dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, porque, construir junto é muito mais motivador e, respeitar as diferenças, já é um bom começo, para que haja a assimilação dos conhecimentos, a descoberta de habilidades, mudanças de atitudes e a convicção daquilo a que se quer chegar.

A educação implica na formação humana da personalidade, tendo como campo de atuação o ensino e a instrução, que caracterizam o trabalho do professor, criando situações para o enfrentamento dos problemas e desafios na relação com o meio social, que requer uma preparação dentro do momento histórico em que estão sendo vividas as práticas sociais.

Por isso, a formação do professor é de fundamental importância para os desafios a serem enfrentados em sua prática didática, pois, pensando sua prática, o professor aprimora a dualidade do seu trabalho, tendo em vista as exigências concretas da sua ação frente às dificuldades apresentadas pelos alunos, que requerem uma intervenção pedagógica mais apurada.

É, por essa razão, que o professor deve estar sempre atualizado, observando os parâmetros didáticos necessários à orientação dos alunos, respondendo às expectativas de um ensino de qualidade para cada nível escolar.

O professor, consciente de sua vocação, e tendo certeza dos objetivos educacionais da sua profissão, incita nos alunos a responsabilidade para um caminhar satisfatório em aproveitamento, criando situações de interação num clima de coletividade, com o qual, o ambiente escolar se torna um reflexo de aprofundamentos, o que, para o aluno, é fundamental para uma sólida assimilação e aprendizagem significativa, o que pressupõe uma mudança na qualidade educativa da população e na formação do profissional docente.

Formar profissionais, a partir de Luiz Carlos de Freitas (1992:89) *“não significa apenas formar pessoas de bom senso. É mais do que isso! É formar pessoas dotadas de conhecimentos sistematizados em base científica, filosófica e tecnológica...”* podendo, o professor assumir a condição de sujeito histórico de seu próprio projeto de desenvolvimento. E, neste projeto, o professor apropria-se do conhecimento disponível, procurando atualizar-se continuamente.

Porém, segundo Pedro Demo (1991), o desafio de manejar e produzir conhecimentos (...) deve superar a exclusividade da didática *“ensino aprendizagem”* tipicamente produtiva/transmissiva, superando a *“exclusividade”*, passando a socializar o conhecimento disponível.

Diante dessa perspectiva, a didática do aprender a aprender se moderniza e engloba a necessidade da apropriação de conhecimentos adquiridos, e disponíveis para um manejo crítico e criativo, desafiando o homem a melhorar a qualidade do ensino e, conseqüentemente, sua formação, assumindo a postura de sujeito histórico, com base na manipulação e produção de conhecimentos.

É preciso destacar que, para se trabalhar o espaço educativo do aprender a aprender, na formação do professor, é fundamental uma atitude de pesquisa diante da realidade, acompanhada da competência de nela intervir com base em conhecimentos atualizados porque:

o professor continua insubstituível como orientador da aprendizagem, porque se trata de formar uma competência humana que exige sujeitos interagindo, mas será substituído como “ensinador”... (Freitas, 1989; Fleury, 1991; Frigotto, 1998; Mello, 1986).

É necessário repensar também a profissão professor em muitos sentidos, principalmente quando se trata da produção e manipulação de conhecimento à distância, pois a valorização profissional passa por uma seleção positiva e por uma formação permanente e continuada na construção da didática do aprender a aprender e ensinar em todos os níveis.

É mister, da parte dos professores, que desejam melhorar a sua formação, um compromisso maior com a pesquisa, a elaboração e a teorização da sua prática, de forma crítica e criativa, para assim instruir para a modernidade, pois, *a mão-de-obra ouço qualificada*, segundo Pedro Demo (1992:27), *é fardo, porque predomina o sentido de intensividade do capital sobre a do trabalho...*

Dessa forma, a educação de qualidade chega a ser fator essencial pra os processos emancipatórios educacionais e, seu atraso, *é uma agressão aos direitos constitucionais*. (Costa, 1990).

Mas isso é predominante no Brasil, uma vez que, pela conveniência governamental, ainda existem agentes mal formados e inadequados à tarefa de ensinar, o que prejudica o nosso padrão educacional.

E, como se não bastasse, as paralisações crescentes fazem com que o aproveitamento entre em decadência, ocorrendo a evasão e o fracasso escolar até mesmo dos profissionais que se encontram em cursos de formação.

Mesmo tendo uma formação adequada, o professor não está satisfeito com a sua situação profissional, assumindo uma postura docente que *apenas ensina porque apenas aprendeu*. No entanto, ele precisa se especializar e assim pensar em outras formas de atualização profissional permanente, deixando de tempos em tempos, o exercício docente para estudar, englobando, sobretudo, o direito de todos à informação estratégica e sua infindável renovação.

Assim, o professor vai construindo oportunidades reais de aprender a aprender e a partir daí exercita a sua auto-avaliação pela via do conhecimento, que não se reproduz, mas se constrói como processo, seja ele de forma presencial ou à distância.

Segundo Luiz Carlos de Freitas (1992:3) *“já se fez muito no campo das idéias e poucas delas converteram-se em realidade no interior dos cursos de formação de professores”*... pois, os professores ainda não produziram mudanças nas escolas; e, no momento em que eles se atualizam e tomam consciência do seu papel, geram dilemas dentro do sistema e da própria sociedade, que almeja a democratização da escola, mas não participa de suas mudanças.

Entretanto, é preciso discernir quem é o profissional da educação com ênfase na atuação do professor dentro da docência do trabalho pedagógico presencial e/ou à distância, pois, nesta modalidade de ensino, embora não pareça, a formação é extremamente importante, uma vez que esse educador deverá ser capaz de atuar como agente de transformação da realidade na qual está inserido.

Por isso, garantir uma formação de qualidade para o professor de educação à distância, é também valoriza-lo como profissional, melhorando a relação teoria e prática nesta modalidade de ensino, já que a formação do profissional da educação ainda é feita, até certo ponto, de forma precária e desarticulada nas escolas normais, licenciaturas de pedagogia e licenciaturas específicas, o que trás à tona a necessidade de reflexão e investigação sobre a própria prática docente para o desenvolvimento do professor (Schön, 1987; Zeichner, 1992) buscando, assim, formas conjuntas de melhoria da qualidade de ensino.

Reconhecendo a impossibilidade de as universidades formarem profissionais prontos e acabados, até mesmo pela natureza humana de seres inconclusos, sempre inacabados, que somos (Freitas, 1997), torna-se necessário, que os educadores busquem um aperfeiçoamento constante em sua área de atuação, desenvolvendo-se, enquanto desempenham suas funções, pois o reconhecimento aparece quando se vislumbra um ensino de qualidade. (Shulman, 1986)

E, o conhecimento do professor vai se construindo durante toda a sua trajetória de vida, por isso, deve ser revisto, questionado e reelaborado para a melhoria da aprendizagem.

A transformação do conhecimento do professor em conhecimento compreensível para ser compartilhado com o aluno, no nível da escolaridade em que ele se encontra, se configura como um conhecimento pedagógico de conteúdo, o que permite ao professor perceber as dificuldades ou facilidades dos tópicos a ensinar.

Logo:

todas as formas de que lança mão, o professor, para transformar conteúdos em aprendizagem, como analogias, demonstrações, experimentações, explicações, exemplos, contra-exemplos, representações, inclusive a seqüência que dá aos conteúdos e a ordenação de um mesmo assunto em diferentes tópicos...

se torna fundamental numa aprendizagem significativa para se chegar ao conhecimento e, este conhecimento permite, pois, ao professor, melhor agir como mediador da construção do conhecimento do aluno, construindo relação com aquele que aprende, manifestando formas de pensar conhecimentos anteriores e até conflitos.

Dessa forma, na mediação do professor, entre o conhecimento previamente construído e aquele que aprende, está o conhecimento pedagógico, indissociado do conhecimento específico, e é aí que está a complexidade do saber fazer e ensinar, pois:

a complexidade, a profundidade e a própria linguagem empregada em cada situação de aprendizagem é diferente, mas a preocupação do professor com o que está sendo ensinado e as alternativa que encontra, à medida que reflete sobre a sua prática e busca de soluções aos problemas inerentes aos problemas do cotidiano pedagógico, é que fazem a singularidade da sua prática profissional. (Clarke, 1994).

É, dentro da prática profissional que o professor vai buscar estratégias materiais ou lingüísticas para se fazer compreender, e auxiliar o aluno na compreensão do novo conteúdo, na recuperação de conhecimentos e experiências anteriores, que sirvam de alicerces e/ou andaimes (Coll, 1996) a novas aprendizagens, pois significam ajustes na prática docente para que a aprendizagem aconteça.

Mas, ressalte-se que, o conhecimento *não é ensinado*, é aprendido na prática pedagógica profissional, na qual, ocorre a possibilidade de se discutir, avaliar e redimensionar as experiências vividas pelos professores, desenvolvendo-se como profissionais reflexivos (Schön, 1987; Zeichner, 1993), que vão se dando conta de que são primeiramente professores.

Logo, ser professor é algo intuitivo, em que cada um busca desempenhar seu papel como pode, uma vez que, na maioria das universidades brasileiras, não é possível ser exclusivamente professor ou pesquisador, quando se trata de cursos de formação profissional.

Na verdade, o profissional da educação tem necessidade de uma formação que vá além do domínio dos conteúdos específicos de sua área de conhecimento, pois, o conhecimento por si só, hoje se globaliza, havendo assim a necessidade de se favorecer na formação do futuro profissional da educação, uma aproximação integrada da didática, articulando domínio dos conteúdos, metodologia e formação pedagógica (Perrenoud, 1993:118).

Dessa forma, ao se tomar consciência do perfil profissional do professor e buscar sua competência pedagógica na prática, os professores em formação precisam saber como transformar o conteúdo científico aprendido em um conteúdo escolar de modo a ser assimilado pelo aluno. Pois, como diz Corinta Geraldi (1995:88) “*é nesta articulação que se constrói o conteúdo do ensino.*”

Por isso, os professores precisam discutir, no processo de formação docente, a sua prática, refletir sobre ela, ousar, arriscar para bem orientar os seus alunos na construção da cidadania.

E, essa reflexão deve partir de uma formação inicial, que, segundo Philippe Perrenoud (1993:19) por si só, não pode transformar a globalidade da profissão docente, eliminando as dificuldades da sala de aula e do estabelecimento de ensino, mas pode inverter os mecanismos geradores de desigualdades ou neutralizar as lógicas habituais de ação dos alunos, dos colegas, pais e da administração escolar.

Corinta Geraldi (1998:131), por sua vez, diz que o educador estimula, com sua trajetória de vida, o ousar a fazer, não esperando que façam nada por ele, pois a medida que faz a história, faz também o seu porvir, acreditando num futuro melhor para si e seus alunos.

É por isso que é preciso refletir a história dos docentes para tomarmos consciência dos seus não-saberes, incertezas e dúvidas na construção de um conhecimento mais contextualizado, buscando também novos saberes, que possam emitir sinais para a melhor compreensão da escola e da prática nela realizada.

Agindo dessa forma, a educação englobaria a dinâmica do desenvolvimento e não do produto dele, pois objetiva a adequação do processo de reconstrução da experiência vivida pelos professores como profissionais, caminhando em direção à melhoria da eficiência individual, onde ocorreria a reflexão na própria ação.

A reflexão na ação é o momento de gerar mudanças para a solução de problemas na aprendizagem, no qual, o professor é levado a pensar, reorganizar suas idéias e refletir sobre aquilo que faz no momento presente. Logo, a reflexão vai servir para sinalizar os problemas detectados no dia a dia da sala de aula.

Dessa forma, a reflexão só se desenvolve porque não é possível encontrar respostas a situações inesperadas. Porque, segundo Donald Schön “*é impossível aprender sem ficar confuso.*”

Pensando nisso, é necessário que os profissionais da educação se abram para a reflexão e criem um ambiente, onde a cooperação seja partilhada com confiança entre aqueles que dela participam, pois, pensando criticamente, a prática de hoje ou de ontem, é que é possível melhorar a próxima prática. (Paulo Freire, 1997:43-44).

A reflexão na ação é um processo que implica mais do que a busca de soluções lógicas e racionais para os problemas educacionais; ela envolve intuição, emoção; não

é um conjunto de técnicas, que possa ser empacotado e ensinado a professores, mas busca deles um equilíbrio entre a sua rotina e o pensamento a se articular.

E, assumir essa proposta de formação, tendo como eixo a reflexão, significa assumir a constituição de uma nova prática através da própria experiência de vida, levando o professor a refletir para quem e como ensinar, os objetivos e conseqüências dos métodos de ensino por ele utilizados, para tomar decisões, mudar a sua prática e a própria realidade, se inserindo num projeto histórico, que pressupõe um trabalho docente mais voltado para a produção do conhecimento.

Por esse motivo, a formação docente deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada.

É importante ressaltar que esse tipo de formação, segundo Antonio Nóvoa (1993), não se constrói por acumulação, mas através de um trabalho de reflexão crítica sobre a prática e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal, por isso, é importante investir em formação e, investir a práxis como lugar de produção do saber é conceber uma atenção especial às vidas dos professores que retêm como referência à sua experiência e identidade.

Pierre Dominicé, (1990:149-150), ressalta que:

o sujeito constrói o seu saber ativamente ao longo do seu percurso de vida. Pois, ninguém se contenta em receber o saber, como se ele fosse trazido do exterior pelos que detém os seus segredos formais. A noção dessa experiência mobiliza uma pedagogia interativa e dialógica...

Logo, a formação deve ser assumida como processo interativo e dialógico, onde cada professor é chamado a consolidar saberes emergentes da prática profissional, construindo um retrato da realidade do saber da sua ação pedagógica.

Fica, pois, configurado, nesta parte do trabalho, que a formação encerra um projeto de ação e ressignificação identitária dos professores e, pensá-la, no presente, implica aquilo que se anuncia para o futuro de um sujeito histórico, que se quer renovar para o trabalho em qualquer modalidade de ensino numa perspectiva dialógica, interativa e sócio-discursiva

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. Formação do jovem professor para a educação básica. CEDES. São paulo, 1992.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 5a ed. São Paulo: Hucitec, 1978.

BRASIL. LEI 9394, DE 20/12/1996, Lei de Diretrizes e Bases. Diário Oficial. Brasília, DF. 23/12/1996. Secção 1, p. 27.341
 _____. Regulamentação da Educação à distância. MEC, 2000.

COLL, César. Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DEMO, Pedro. Formação de formadores básicos. Revista em aberto. Brasília, v. 12, n. 54, abril, jun, 1991.

DOMINICÉ, P. Apprende se former. In: Étienne Bourgois (ed), L'Adulte em formation. Paris: De Boeck & Larcier, 1996.

FLEURY, A. FLEURY, M.T.L. Aprendizagem e inovação organizacional. As experiências do Japão, Coréia e Brasil. São Paulo: Atlas, 1995.

_____. Aprendendo a mudar – aprendendo a aprender. Revista de Administração. USP. V. 30, n. 3, 1995.

FREIRE, Paulo. ⁸⁰ Pedagogia da autonomia; saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Luiz Carlos de. Em direção a uma política para a formação de professores. Revista em aberto. Brasília, v. 12, n. 54, 1992.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Tecnologias, relações sociais e educação. In: COELHO, Lígia M. C. Costa. Sistema educacional e novas tecnologias. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/105, abr/jun. 1981.

_____. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. Rio de Janeiro: IESAF?FGV, 1987.

GERALDI, Corinta (org). Cartografia do trabalho docente. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998.

LIBÂNEO, José C. As mudanças na sociedade, a reconfiguração da profissão de professor e a emergência de novos temas na Didática. IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. São Paulo, 1994.

_____. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

NÓVOA, Antonio (org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

_____. Profissão professor. Portugal: Porto, 1993.

PERRENOUD, Philippe. Práticas pedagógicas: profissão docente e formação. Perspectivas sociológicas. . Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

_____. Linhas de rumo em formação. Portugal: Aveiro, 1993.

SALVADOR, César Coll. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SCHON, Donald. *The reflective practitioner*. Nova York: Basic Books, 1983.

SCHON, Donald (org). Formar professores como profissionais reflexivos. In.: NÓVOA, Antonio (org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

SHULMAN, L. Knowlwdg and teaching: foundations of the new reform. Harvard Educational Reviw, 57, 1, 1987.

ZEICHNER, Kenneth m. A formação reflexiva de professores: idéias e práticas. Trad. Por A. J. Carmona Teixeira. Maria João Carvalho e Maria Nóvoa. Lisboa: EDUCA, 1992.